



MILLER MIQUILES
FRANKLIN ROOSEVELT MARTINS DE CASTRO

GLOSSÁRIO LEXICAL DA LÍNGUA
SATERÉ-MAWÉ



Atena
Editora

Ano 2022





MILLER MIQUILES
FRANKLIN ROOSEVELT MARTINS DE CASTRO

GLOSSÁRIO LEXICAL DA LÍNGUA

SATERÉ-MAWÉ



Ano 2022



Editora chefe	
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira	
Editora executiva	
Natalia Oliveira	
Assistente editorial	
Flávia Roberta Barão	
Bibliotecária	
Janaina Ramos	
Projeto gráfico	
Bruno Oliveira	
Camila Alves de Cremo	2022 by Atena Editora
Daphynny Pamplona	Copyright © Atena Editora
Luiza Alves Batista	Copyright do texto © 2022 Os autores
Natália Sandrini de Azevedo	Copyright da edição © 2022 Atena Editora
Imagens da capa	iStock
	Direitos para esta edição cedidos à Atena
Edição de arte	Editora pelos autores.
Luiza Alves Batista	Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Glossário lexical da língua sateré-mawé

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Autores: Miller Miquiles
Franklin Roosevelt Martins de Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M669 Miquiles, Miller
Glossário lexical da língua sateré-mawé / Miller Miquiles,
Franklin Roosevelt Martins de Castro. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0431-6
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.316220408>

1. Língua mawé - Gramática. I. Miquiles, Miller. II.
Castro, Franklin Roosevelt Martins de. III. Título.

CDD 498.4

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



COMEÇO DE HISTÓRIA...

O Glossário Lexical da Língua Sateré Mawé é resultado de um trabalho de pesquisa cujo objetivo principal é a divulgação, valorização e preservação da língua, saberes e cultura do povo Sateré Mawé.

As terras demarcadas do povo Sateré Mawé estão localizadas na fronteira entre os estados do Amazonas e do Pará, denominadas TI Andirá-Maraú, região do Médio Rio Amazonas. Nas cidades de Barreirinha, Maués, Parintins e Manaus há um número considerável de indígenas em contexto urbano preservando sua língua, cultura e costumes. Entre as diversas singularidades do povo Sateré Mawé podem ser destacadas a domesticação da planta do guaraná da qual se produz a bebida conhecida internacionalmente; e o ritual da Tucandeira que caracteriza a passagem do curumim (adolescente) para a vida de homem adulto.

Desse modo, o Dicionário Lexical da Língua Sateré Mawé apresenta vocábulos na língua indígena e contextualiza brevemente seu uso e importância na cultura Mawé.

O significado adotado de glossário proposto por Barros (2004) é que nos parece mais adequado ao tipo de pesquisa por nós realizada. Segundo esse estudioso, glossário é “o conjunto de verbetes situados no nível da(s) norma(s), registrando unidades terminológicas de um ou vários domínios especializados.” (BARROS, 2004, p. 144).

Contudo, de acordo com a Fablinne Marani Pereira Souza, a visão do termo glossário não é consensual entre os especialistas de terminologia/terminografia, sendo usado para designar tanto um dicionário, vocabulário ou uma coleção de palavras-ocorrência de um discurso, isto é, o léxico de uma obra determinada. (PEREIRA SILVA, 2015, p. 26).

Para autora Godoi (2007) a definição que ela dá do glossário, é uma obra que:

[...] recupera, armazena, e compila palavras de um texto ou discurso específico e concretamente realizado. Mas pode ser visto, também, como um dicionário especial ou uma lista de palavras que consigna vocábulos sobre os quais um leitor comum pode ter dificuldades para entendê-las. Por isso, é normal a anexação de glossários em livros especializados ou não a fim de elucidar as palavras técnicas, expressões regionais e as pouco usadas em um dado texto. (GODOI, 2007, p. 70).

Ainda de acordo com a mesma autora, inúmeros glossários têm sido publicados com a finalidade de completar os dicionários, gerais da língua, inclusive, tem-se publicado dicionários e glossários de neologismos que são úteis não apenas para o tradutor ou filólogo, mas também para o lexicólogo; especialmente para ter em mãos os vários tipos de obras lexicográficas, ampliando assim, sua pesquisa e conhecimento de uma parte maior do

léxico. Sabe-se que os dicionários, glossários e vocabulários constituem uma organização sistemática ou ao menos uma tentativa de descrição do léxico. [...] (GODOI, 2007).

Segundo Flávia Abati (2018), glossário é um tipo de dicionário específico para palavras e expressões pouco conhecidas, seja por serem de natureza técnica, regional ou de outro idioma. [...] Em alguns trabalhos acadêmicos ou científicos, os glossários são considerados essenciais para a fácil identificação de termos e conceitos que ajudam ao leitor a compreender o direcionamento da interpretação dada pelo autor do estudo ao seu trabalho.

Para Aguiar (2018, p. 123) glossário, como ferramenta de aprendizagem, que pode atingir o objetivo proposto, à medida que esse material obedece aos princípios de adequação, conforme as exigências do público-alvo. Nesse sentido, a linguagem dos glossários deve estar de acordo com as necessidades do contexto social e linguístico, para quem a obra está sendo elaborada.

O conceito de glossário também suscita alguns posicionamentos que merecem reflexão.

Horroco (1611, p. 33), por exemplo, ao se remeter à etimologia grega ‘glossa’, se aproxima da definição que justifica a construção do glossário proposto. Para ele, significa língua, mas comumente se toma por anotações e comentários que os textos declaram, ou qualquer outro escrito. Glosar alguma coisa escrita ou dita é interpretá-la. Glosar as palavras vulgarmente é lhes dar outro sentido, ou seja, dando-lhe uma nova significação da palavra em outra língua. (HORROZCO, 1611 *apud* SÁ, 2013, p. 103).

Podemos entender também o conceito de glossário em outras palavras, como o repertório que faz definição ou explicação dos termos arcaicos, raros ou desconhecidos de palavras de uma língua.

De acordo com Haensch, o termo glossário se utiliza em lexicografia com dois acepções diferentes: Repertório de vozes que é destinado a fazer explicação de um texto medieval ou clássico, a obra de um autor, um texto dialetal, etc. Repertório de palavras, em muitos de termos técnicos (monolíngue ou plurilíngue) que não pretende ser exaustivo, e em que a seleção de palavras tem feito mais ou menos ao acaso. (HAENSCH, 1982 *apud* BARBOSA, 1992, p. 24).

SUMÁRIO

GLOSSÁRIO LEXICAL DA LÍNGUA SATERÉ-MAWÉ	1
WO'OPOHURUK HAP KO'I – CUMPRIMENTOS E SAUDAÇÕES	2
MÍT PÍT EKARIA'I – ANATOMIA DO CORPO HUMANO.....	3
MIAT GA'APYUAT KO'I – ANIMAIS SELVAGENS	5
MOPÝ HARIA – AVES.....	6
MURI-MURI KO'I – INSETOS.....	7
HÝRIA KO'I – ANIMAIS DOMÉSTICOS.....	9
MIEROHIK – FAMÍLIA.....	10
IWAN PÉN – CORES	12
KARE'EN SATERE MIEKOWAT KO'I – UTENSÍLIOS USADOS PELOS SATERÉ	13
WUAT'I YWA KO'I – FRUTAS VARIADAS	16
KAT SET KO'I – NOMES DE OBJETOS	18
SEHAY WEMPOWÁT HÍT KO'I – PEQUENAS FRASES.....	19
WO'EHAY-WO'EHAY HAP KO'I – DIÁLOGOS	20
ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS	23
SOBRE OS AUTORES	26

GLOSSÁRIO LEXICAL DA LÍNGUA SATERÉ-MAWÉ

Sabemos que o ser humano é movido a comunicar-se pela linguagem. Cada povo tem sua língua com suas peculiaridades próprias, uma identidade para uma comunidade falante de um idioma. Sendo assim, apresenta-se aqui um glossário lexical da língua sateré, língua falado por esse povo. Este é um glossário bilíngue é constituído com a correspondência entre duas línguas, língua sateré e língua portuguesa. A composição do glossário é feita em ordem alfabética, de acordo com o alfabeto da língua Sateré-Mawé. Está organizado por assunto. A entrada de palavras em sateré está em negrito ao lado fica à sua correspondência em português seguido entre parênteses as explicações de utilidades e significativos das palavras.

WO’OPOHURUK HAP KO’I – CUMPRIMENTOS E SAUDAÇÕES

Ihot’ok – Bom dia

Heika’at – Boa tarde

Wantym – Boa noite

Meiko ira’yn aru – Até já/mais!

Mogki’ite ira’yn aru – Até amanhã.

Hay – Olá/Oi!

Waku sese – Muito obrigado.

Meke arekosap/mekepuo aru – Com licença.

Yt kat hap hin’i/yt kat hap’i – de nada!

Waku? – Tudo bem? (Essa pergunta ao ser utilizada pela pessoa, percebe-se pela entonação de voz).

Waku – Bem/Bom (essa palavra quando utilizado como resposta sai com suavidade o tom de voz. E também, usa-se essa palavra para dizer que algo ou pessoa é bom.

Waku sese eriot! – Seja bem-vindo!

Os idiomas possuem a sua estrutura que constituem a composição da linguagem peculiar de cada povo falante de uma comunidade de uma determinada língua. Isso nos leva a compreender que há diversidades de línguas que existem no mundo, seja línguas indígenas, seja línguas não indígenas. Essa variedade de linguagens, faz-nos uma necessidade, uma vez que, o homem comunica-se, utilizando de uma linguagem, isto é, para que ocorra uma comunicação com outro povo que tenha linguagem diferente, ambas são levadas a conhecer à língua quando defrontados. Como a língua é de fundamental importância para o homem, cada povo pratica nas suas comunidades suas línguas maternas, porque a língua é uma identidade. Sendo assim, o povo Sater-Mawé tem sua comunidade falante que pratica no dia a dia nas comunidades à sua língua materna seja oralmente como também na parte da escrita nas escolas das comunidades. Essa parte acerca de cumprimentos e saudações apresentado, é importante apresentar para aquelas pessoas que se deparam pela primeira vez com essa linguagem, porque quando entramos em outro contexto diferente, primeiro temos que conhecer pelo menos o básico da língua.

MÍT PÍT EKARIA'I – ANATOMIA DO CORPO HUMANO

Akag – Cabeça (órgão superior do corpo)

Asap – Cabelo (fios de cabelo da pessoa)

Ape – Costa (a parte de trás do corpo da pessoa).

Ampy – Nariz (parte que fica entre testa e boca).

Ahape – Orelha (órgão da audição).

Anti'ypy – Ombro (região superior próximo do pescoço).

Ahit – Pênis (sexo masculino)

Ikag – Osso (esqueleto dos vertebrados).

Jaig – Dente (pequenos órgãos ósseos duros e lisos que serve pra mastigação).

Jun – Fezes (dejetos expelidos do corpo).

Junmy'a – Barriga

Kag'oktu - Perna

Moti'a – Peito

Mu'uja – Dedo

My'a – Figado

My'akag'a – Joelho

Mo – Mão

My – pé (responsável para locover).

Myawa – Sola do pé (a parte inferior do pé).

My'okpe – pé (a parte superior do pé).

Mopy'akag'a – Cotovelo

My'ampát – Articulação do joelho (a parte de trás de joelho).

Myrum'a – Umbigo

Nywa – Queixo

Oktu/uptu – Coxa

Okpy – Ânus (por onde sai excrementos).

Sempe – Beiço (duas partes exteriores carnudas que formam lábios da boca).

Setu'a – Nádegas (parte traseiro carnuda).

Seha – Olho (responsável pela visão)

Sewa – Rosto

Segku – Língua (órgão principal da deglutição de gosto e também para articulação de palavras).

Si'ā – Vagina (sexo feminino)

Wē – Boca

Wesap – Bogode

Wegkot'a – Bochecha

Watu'a – Testa

Yke - Braço

Essa parte que trata de anatomia do corpo humano tem sua grande importância para os falantes que usam com frequência nas comunidades, uma vez que são partes do corpo do ser humano que está sempre presente ali na vida e que necessita de boa saúde para o seu funcionamento normal. Devido ter essa importância das partes principais do corpo do homem, há uma necessidade de conhecer os nomes das partes em duas línguas, principalmente quando as equipes de saúde vão para as comunidades, uma vez que a maioria que vão fazer atendimento à população indígena não são indígenas. Por essa razão, na ausência de um intérprete, o indivíduo indígena carece de conhecimento de segunda língua para dar informações acerca da situação de sua saúde.

MIAT GA'APYPUAT KO'I – ANIMAIS SELVAGENS

Akuri – Cutia (animal de pequeno porte com pelo vermelha meio amarelado)

Awahuru – Cachorro do mato (aparenta com o cachorro doméstico)

Awyky – Guariba (animal médio porte com pelo preto toda parte do corpo)

Awyato – Onça (a palavra genérica que se refere a todos tipos dessa espécie)

Ariukere – Preguiça (animal de pequeno porte que anda lentamente nos galhos da floresta. É chamado de “Hary = velha”, também por aparentar o pelo igual cabelo grisalho de uma velha).

Hapiri – Rato (animal roedor de pequeno porte).

Hamaut – Porco (

Himpa – Tamanduá bandeira

Hami’í – Xauim

Hanu’án – Macaco prego

Iakare – Jacaré

Moi – Cobra

Pay – Paca

Sahu – Tatu

Wewato – Anta

Wawori – Jabuti

Wakiu’í wato – Macaco velho

Ytý wato – Veado grande

Ytý hít – Veado pequeno

Esses animais selvagens têm de fundamental importância para a população Sateré-Mawé. Porque é desses animais que se alimentam nas suas comunidades, trazendo a comida para às suas casas para a subsistência de suas famílias através de caças. A caça tem sido grande utilidade desde os antepassados que até hoje faz presente nessa nova geração. É um meio de grande relevância que garante a sobrevivência para cada família nas comunidades onde se encontram. A tarefa de caça quem faz são os homens e que geralmente vão à caça em dois turnos, ou seja, de dia e à noite.

MOPÝ HARIA – AVES

Ahut – Papagaio

Hyt'i – Beija-flor

Hanún – Arara

Hywi wato – Gavião real

Jugkan – Tucano

Myju – Jacú

Pykasu - Pombo

Pirikítu – Periquito

Samã – Pica-pau

Weita – Pássaro

Urukut - Coruja

Úre – Jacamim

Urit'i - Inambú

Weita hít – Passarinho

Wiawu - Mutum

Esses são as aves que podemos encontrar na floresta onde essa população Sateré-Mawé vivem. A maioria dessas aves servem-se para alimentação da família nas comunidades. As penas das aves servem para muitas coisas, mas o que podemos ver mais dentro das comunidades indígena sateré é vermos penas de aves como pena de flechas, ou seja, penas de aves na flecha servindo para a flecha ter a direção certa. Esse tipo de flecha usado para matar caça de aves quanto os animais que não voam.

MURI-MURI KO'I – INSETOS

Awi'a – Abelha

Ape'i/arawe – Barata

Gap – Caba (pequeno inseto que voa, sua ferroada dolorida).

Gyp – Piolho

Jug – Pulga

Kiã – Aranha

Kíwa – Tapecuim (pequeno inseto que voa, serve para alimentação dos sateré).

Karawót – Cigarra

Mantérú – Vaga-lume (é um pequeno inseto que tem luz própria, que voa, anda durante à noite. Este inseto não pode ser pegado com a mão. A pessoa que pega segundo os mais velhos, terá coisas fáceis de quebrar).

Morope'i/morepe'i – Borboleta

Mokag – Louva-a-deus

Pohit – Gafanhoto

Sapót – Escorpião

Sári – Formiga

Sahai – Saúva-taia (pequeno inseto comestível, sua cabeça contém tipo uma pimenta, serve para tomar com xibé).

Úwi – Minhoca

Ut – Lagarto

Upi'u – Maruim (insetos que gostam de incomodar caçadores de noite durante à espera de caça).

We'ehog - Maniwara (inseto comestível com farinha molhada).

Wanti'u – Carapanã

Watyama – Tucandeira (inseto com ferroada que é usado para o ritual da tucandeira pelos sateré).

Wáru'i – Mucuim

Esses insetos inscritos, algumas servem como alimentação para a população indígena sateré-mawé. Na maioria das vezes, em geral encontramos a presença dos insetos comestíveis na mesa dos indígenas nas casas em duas ocasiões: uma é durante

o ritual da tucandeira, uma das festas que se destacam na cultura desse povo; a outra é durante o trabalho denominado e mais conhecido, portanto, mais utilizado e falado por essa população de “puxirum”. Esses são oferecidos para os convidados por um responsável que fica à frente de um trabalho de fazer um roçado ou por aquela pessoa que organiza o ritual da tucandeira.

HÝRIA KO'I – ANIMAIS DOMÉSTICOS

Aware – Cachorro (serve para vigiar à casa como também para caçar animais).

Hamaut asuwai – Porco suíno

Pisana – Gato

Piku-piku – Pinto

Waipaka wáry'i – Galinha

Waipaka pa'ait – Galo

Wewato ahup – Boi

Ypéka – Pato

Esses animais domésticos que podemos encontrar mais com frequência nas casas das famílias indígenas nas suas comunidades. Sendo que galos e galinhas servem como alimentação principal das famílias, além dos outros tipos de animais que a natureza oferece. Cada família na comunidade tem uma pequena criação de galinha para atender a necessidade da família. Podemos ver também animais selvagens domesticados por famílias por exemplo: cutia, macaco prego, jabuti, papagaio, preguiça e macaco velho e xauim. Esses servem como animal de estimação como também servem para alimentação da família.

MIEROHIK – FAMÍLIA

Ase'i – Vovô

Api'i – Tia

Hamû – Tio

Hary – Vovó

Hemiariru – Neto

Hemiarira – Neta

Isaig – Menino (usa-se para meninos adolescentes).

Hirokat – Criança

Haryporia – Mulher

Iwyty – Irmão mais novo (usa-se para referir só para irmão mais novo)

Iyke'et – Irmão mais velho (usa-se somente para se referir para irmão mais velho).

Ikypy'yt – Irmã mais nova (para se referir somente à irmã mais nova).

Iki'it – Irmã velha (para se referir só para à irmã mais velha).

Ihaignia – Homem

Kurum hít/hín – Menino

Kurum iwasu – Moço

Makuptia – Moça

Mimî – Mano (usa-se pelas crianças da família para seus irmãos mais velhos).

Mempyt – Filho

Ny – Mãe

Ny hít – Tia (usa-se para irmã mais nova da mãe).

Ny tag – Tia (usa-se para irmã mais velha da mãe).

Pi'â – Mulher

Pi'â hít/hín – Menina

Uhehary'i – Minha mulher (quem fala só marido para a mulher).

Uhe'aito – Meu marido (quem fala só à mulher para seu marido).

Uhýt – Mano

Uikywyt – Irmão (quem fala uma irmã para se referir ao seu irmão).

Ywót – Pai

Ywót hít – Tio (irmão mais novo do pai)

Ywót tag – Tio (irmão mais velho do pai).

Essas palavras são bastante pronunciadas com frequência nas comunidades indígenas pelas famílias. Pelo fato de tratar-se sobre nomes que constituem uma família, muito utilizado pelos indígenas sateré, seja nas casas, seja em outros locais de trabalho. A família tem grande relevância para os pais. Desde cedo as crianças são levadas a aprender coisas básicas do dia a dia, sobretudo da cultura do povo. Visto que o menino acompanha seu pai nas diversas atividades como por exemplo, quando vai caçar, pescar, na hora de fazer tecelagem etc. Enquanto a menina acompanha a sua mãe nas diversas atividades também como por exemplo, fazer coisas domésticas, vai à roça, vai à cozinha onde faz a produção de farinha, na confecção de roupas costurando manualmente etc. Os pais dão conselhos em várias ocasiões por exemplo, na hora de tomar mingau ou café, durante as refeições, na beira do fogo de dia ou de noite no luar, antes de dormir já nas redes etc. O menino passa por um ritual de iniciação da tucandeira, uma passagem da vida adolescência para a vida adulta, para se tornar um grande homem guerreiro, saudável, bom caçador, ser homem forte, sobretudo a ficar imune à várias doenças. A menina quando se torna moça é resguardada durante um mês pelos pais seguindo a regra padrão cultural do povo. Assim as crianças indígenas são criadas pelos pais com intuito de criar e formar um (a) jovem preparado para enfrentar os desafios da vida. Uma vez que ao se tornarem adultos constituirão uma nova família futuramente. O casamento acontece da seguinte forma: não existe o namoro entre os indígenas igual dos não indígenas. Quando os pais da moça ou do rapaz já sabem do caso de um casal dos jovens, principalmente depois de eles dormirem uma noite, duas ou até três noites seguidas ou não. É chamado esse casal pelos pais à sua casa seja pelos pais da moça ou pelos pais do rapaz. O casamento acontece com a presença ou não da família do outro, porque em alguns casos os casamentos acontecem longe das famílias quando a mulher ou homem vai morar com algum parente seu em outras comunidades ou até outros rios onde se concentram essa população indígena. Assim acontece o casamento, inicialmente depois de acontecer casamento culturalmente, casal novo mora na casa do sogro até construir à sua casa.

IWAN PÉN – CORES

Hún – Preto (segundo os anciões significado dos tempos ruins dessas guerras tipo um tempo negro de guerras e lutas contra os invasores simbolizado pela tinta jenipapo).

Hún'ok – Cinza

Ihyp'ok – Marrom

Ihyp – Vermelho (conforme anciões como a cor do sangue derramado pelas guerras, simbolizado pelo vermelho do urucum).

Ikytsig – Branco (significa a paz e tranquilidade).

Ika'ay – Amarelo

Ihyrýp – Azul (significa o céu azul, o paraíso).

Ihyrýp ga'apy – Verde (os anciões dizem que se refere a floresta, significando à morada do povo indígena).

Esses são as cores que existem na linguagem sateré, ou seja, para dizer as cores transcritos, utilizam-se essas palavras para se referir as cores que são apresentados no glossário acima que tem sua correspondência na língua portuguesa. Enquanto outras cores não existem a sua correspondência na língua sateré, embora utilizados pelos falantes nativos da comunidade. Podemos dizer que eles utilizam um empréstimo linguístico, ou seja, eles utilizam as mesmas palavras para se referir as cores por exemplo, para falar uma cor rosa, azul marinho etc, falam igual como está em português. Somente as três cores que fazem parte da cultura dos Sateré-Mawé: a cor vermelha; a cor preta e a cor verde.

KARE'EN SATERE MIEKOWAT KO'I – UTENSÍLIOS USADOS PELOS SATERÉ

Apeman – Feixe (de lenha para fazer fogo).

Aria – Fogo

Apukuita/apukuite – Remo (objeto muito usado para se locomover de canoa seja para comunidades vizinhos, seja para pescar e caçar).

Awÿhap/ywyhap – Machado (utilizado para trabalho de fazer roça, sobretudo para derrubar árvores grandes).

Go – Roça (plantação de várias plantas, embora o que se destaca mais é a mandioca de onde vem a farinha).

Hiwáre – Pau de chuva (é um tipo de cacete oca com pedregulho dentro, a qual ao balançar de um lado para outro produz um som, serve como tipo de instrumento musical).

Hairu – Dança (refere-se à festa de dança mundana e também de dança do ritual da tucandeira).

Já'ampe – Chocalho (objeto usado no joelho pela pessoa que se ferra durante o ritual da tucandeira).

Kuiru'a – Jamarú (é um tipo de balde que serve para buscar água, na qual a água fica bem fresco).

Kui'a – Cuia (serve para tomar mingau e tomar bebida de guaraná ralado).

Kyse – Faca (utiliza-se para cortar comidas etc.).

Kyse'yp – Terçado (usado para fazer roça, inicialmente no trabalho de cortar).

Kamunti – Pote (depósito de água, na qual a água fica bem fresquinha, da qual tiram-se para beber água e para fazer bebida de sapo).

Kuriwu – Jamaxin (é um tipo de mochila para carregar coisas).

Móhoro – Tipiti (é um tipo de prensa usado pelas mulheres na cozinha no processo de preparo da farinha).

Musé – Pimenta (é o que acompanha a comida a ficar bem mais gostoso, desde que não exagera na hora de colocar, sendo que é uma coisa ardente).

Man – Beijú (geralmente faz-se da goma de tapioca para acompanhar chá ou café da família).

Manî – Mandioca (da qual se origina a farinha de mandioca).

Muká – Espingarda (utilizado para caçar animais).

Mani'ay – Goma de tapioca (da qual se extraí da mandioca).

Man'ype – Crueira (extraído da mandioca serve para fazer mingau).

Morékuat – Cacique (autoridade ou representante da nação ou da comunidade).

Og – Guarda-chuva (muito utilizado pelas mães que tem crianças de colo, apesar de não ser próprio da cultura desse povo).

Pinã – Anzol (usado para pescar peixes).

Paigni – Pajé (curandeiro do povo, que tem grande conhecimento acerca das ervas medicinais, forças e espíritos sobrenaturais, um sábio que tem um papel relevante para a população à qual pertence).

Panene/panane – Peneira (utensílio usado no processo de peneirar a farinha).

Puratig – Porantin (remo sagrado do povo sateré-mawé, onde são as histórias, mitos e lendas gravados é o símbolo maior da identidade cultural do povo Sateré-Mawé, que tem a forma de bastão e é ornamentado com grafismos).

Pátu – Gareira (objeto da cozinha que serve no processo da produção de farinha).

Patawi – Suporte de cuia (onde é colocado o guaraná ralado).

Púre – Tarú (tipo de remo próprio utilizado na hora de torrefação da farinha).

Sáripe – Luva de tucandeira (utilizado no ritual da tucandeira pelo indivíduo que participa da ferroada).

Súhu – Fumo (muito utilizado pelo pajé na hora de fazer seu trabalho de benzedeira).

Sapo – Guaraná ralado (bebida feita do guaraná em bastão ralado pelas mulheres com ajuda de uma pedra preta ou língua de pirarucu).

Táwa – Comunidade (onde convivem os comunitários).

Úku – Timbó (tipo de veneno próprio para matar peixes).

Úwa – Flecha (um tipo próprio para fazer as flechas).

Waranã – Guaraná (segundo a lenda da qual se origina o povo Sateré-Mawé, por essa razão são conhecidos também como filhos do guaraná).

Wegku'a – Pilão (objeto no qual é pilado o guaraná etc.).

Wa'ã – Panela (usado para fazer comidas)

Yrysakag – Paneiro (serve para buscar mandioca para roça à cozinha).

Yni – Rede (utilizado para dormir).

Yhape – Colher de pau (serve para fazer mingaus).

Yara – Canoa (casco muito usado para pescar e caçar, mas também serve para

locomover-se para comunidades vizinhos).

Estes são utensílios e objetos que estão presente no cotidiano dos sateré. Os utensílios têm grande importância na vida dos familiares, pois proporcionam a possibilidade de fazer certas atividades do dia a dia, como também traz benefício para a subsistência da família. Porque muitos utensílios utilizados, principalmente aquelas que têm de uso com frequência pelas pessoas da comunidade, aquele que trabalha com certas vendas de utensílios tira lucro próprio na sua comunidade, mas também transporta para cidade seus produtos para vender.

WUAT'I YWA KO'I – FRUTAS VARIADAS

Awati – Milho (logo depois de maduro é tirado da roça serve fazer mingau quanto para assar também, é uma delícia. É um alimento que serve também para a criação de galinha).

Hawuhu'i – Bacaba (é uma palmeira que tem sua frutinha em cacho, do qual se faz vinho. Pode ser tomado somente o vinho com a farinha ou também poder ser tomado com a mistura com mingau de tapioca, muito apreciado pela família).

Kásu – Cajú (é uma das frutas que servem como alimento para as moças, principalmente à sua castanha, durante a primeira menstruação delas).

Miriti – Buriti (palmeira sua fruta que serve para fazer vinho).

Mokiu – Ingá (fruto do ingazeiro é comestível adocicado pela sua natureza).

Magka – Manga (uma das frutas que pode ser comida de várias maneiras: normal, assado e cozido “em mingau”).

Nanã – Abacaxi (uma das frutas que pode se comer com a farinha e seu líquido pode ser tomado também acompanhado com mingau de tacacá. A fruta que não se pode comer antes de ir pescar ou caçar segundo os anciões a pessoa que vai depois de comer, pegará nada).

Pakua – Banana (fruta que serve para comer de várias formas: normal, assado, frito e na forma de mingau).

Sasym – Laranja (fruto da laranjeira, significa literalmente chupar, ou seja, fruta chupável).

Wasa'i – Açaí (fruto de açaizeiro do qual faz-se um vinho refrescante delicioso bastante apreciado pelos sateré).

Waiawa – Goiaba (fruto da goiabeira muito apreciado pelos curumins e cunhantãs).

Wiriwa – Beribá (fruta da beribazeiro adocicado por sua natureza).

Esses são algumas frutas que estão presente no dia a dia nas comunidades indígenas. Algumas dessas frutas são oferecidos pela própria natureza, ou seja, eles retiram da floresta para o consumo de suas famílias. Mas geralmente eles trazem também filhote de pé de plantas frutíferas e outras para eles plantarem bem próximo de casa onde moram. As frutas têm grande relevância para a população indígena, porque frutas naturais proporcionam um bom desempenho na digestão, dando-lhes boas energias para a saúde das pessoas, principalmente para o acompanhamento do crescimento das crianças. Existe também uma proibição de frutas para certas pessoas, de acordo com padrão cultural da etnia, principalmente para as moças novas na sua primeira menstruação, considera-se

um perigo o buriti porque ela é pertencente aos seres sobrenaturais da natureza, quando a moça não respeita o padrão cultural ela sofre uma consequência, inclusive ela pode ter um bebê sem ter relação física com a pessoa da tribo, fica sem saúde e pode até levar à morte caso não procurar de antemão um auxílio do pajé. Algumas frutas não podem ser consumidas também pela moça nova durante seu resguardo, como por exemplo, vinho de açaí, vinho de bacaba porque esses aumentam o fluxo de sangue durante o resguardo das mulheres e pode causar hemorragia.

KAT SET KO'I – NOMES DE OBJETOS

Át – Sol

Awai'a – Cará (planta tubérculo comestível).

Ahiag – Diabo (Demônio do mal).

Amyap – Banco (assento, de sentar).

Ga'apy – Floresta

Iesui – Jesus (filho de Deus).

Ja'agkap – Imagem (foto de pessoa ou qualquer objeto).

Morékuat – Autoridade (representante de um cargo elevado).

Mohag – Remédio

Nu – Pedra

Nem – Podre (estado de coisas estragados).

Pa'i – Pastor, Padre

Puruwei – Professor (aquele que ensina uma coisa).

Puruweira – Professora (essa palavra sofreu influência de português, sobretudo na terminação para designar a uma feminina).

Surara – Soldado (de militares e exércitos)

Seko – Costume (coisas praticadas do dia a dia).

Tupana – Deus (entidade supremo)

Waikiru – Estrela

Waty – Lua

Wá'yp – Arco-íris

Y'y – Água

Ywyhig – Nuvem

Esses são alguns dos objetos que podemos ouvir com frequência quando observamos nas falas de comunicação nas comunidades indígenas. Alguns dos nomes de objetos não tem em língua sateré como por exemplo, nomes de: arroz, macarrão, maçã, uva, etc. Geralmente para objetos que não tem nomes em sateré, usam-se igual como está em português.

SEHAY WEMPOWÁT HÍT KO'I – PEQUENAS FRASES

Atiky'esat mi'u – Quero comida

Arehum – Estou feliz

En ekahu – Você é lindo(a)

Etiky'esat? – Você quer/tu queres?

Hé kahato – Muito gostoso

Iesui iku'ura ahupí – Jesus morreu por nós

Moroky'e – Te amo

Moroky'esat – Te quero

Netap ikahu – Casa bonita

Tupana aihúwa – Deus nos abençoe

Uweig en? – Quem é você?

Uhesý'at – Estou com fome

Uhéra/Uhéro – Estou cansado(a)

Uweig épuruwei? – Quem é seu professor?

Waku kahato apo en – Você é muito legal

Waku sése eriot! – Seja muito bem-vindo(a)!

Essa são as pequenas frases que são utilizados pela comunidade falante indígena sateré-mawé nas suas comunidades onde se convivem com os parentes. Algumas dessas palavras são fáceis de pronunciar pelo fato de ser frases simples e bastante falado durante a interação deles.

WO'EHAY-WO'EHAY HAP KO'I – DIÁLOGOS

1º)

- a. **Ihot'ok!** – Bom dia!
- b. **Ihot'ok!** – Bom dia!
- c. **Kat e eset?** – Como é seu nome?
- d. **Uhet Iruka e. Ewat?** – Meu nome é Lucas. E o seu?
- e. **Uito Peteru.** – Sou Pedro
- f. **Waku sese!** – Obrigado!

2º)

- a. **Hay! Heika'at!** – Olá! Boa tarde!
- b. **Heika'at!** – Boa tarde!
- c. **Aikotaig?** – Como vai?
- d. **Waku. Ewywo?** – Bem. E com você?
- e. **Waku wy.** Bem também
- f. **Ajumpiat en?** – Você é de onde?
- g. **Uito Parintins piat.** – Sou de Parintins.
- h. **En apo puruwei?** – Você é professor
- i. **Tá'i, mi'i tirat!** – Sim, sou!
- j. **Pyno waku.** - Que bom
- k. **Waku sese!** - Obrigado!
- l. **Yt kat hap'i.** - De nada.

O diálogo está presente no cotidiano do ser humano. Neste sentido, na vida dos falantes da língua sateré não é diferente nas suas comunidades indígenas. É por meio dos diálogos que eles tratam os assuntos referente aos trabalhos da comunidade. Uma vez que através dos diálogos que se faz planos de trabalhos a serem realizadas pelos comunitários em geral seja de limpeza da comunidade, seja de fazer roçados e outras coisas.

ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

O idioma é um dos meios de comunicação que cada povo possui para interagir-se com seus componentes que pertencem a mesma etnia em uma sociedade. As expressões linguísticas dos povos indígenas amazonenses é um patrimônio cultural que precisa ser levado em consideração seu registro em documentos por parte de academias produção de conhecimentos científicos, fato este que ocorre de forma mínima ainda. No que diz respeito ao povo indígena da etnia Sateré-Mawé os pesquisadores que se debruçam nessa área de linguística procuram solidificar os conhecimentos linguísticos, trabalhando com a descrição da fonética, da fonologia, morfossintaxe, o léxico da língua em uso.

Ao tratar acerca do conhecimento lexical da língua da comunidade indígena sateré, o presente trabalho visa contribuir sobre a pesquisa dessa comunidade que necessita de contribuição de outros pesquisadores da área de linguística para sua efetiva ampliação.

Neste estudo, consta-se alguns vocábulos da língua que já foram levantados a partir de estudos realizados pelos alguns antecessores pesquisadores da língua em questão. Por essa razão, um estudo que poderá contribuir e servirá para ser complementado em pesquisas futuras para aqueles que tem interesses em trabalhar sobre a língua sateré-mawé. Sabemos que já existem pesquisadores que fazem estudo sobre a população indígena sateré, mas que ainda são poucos pesquisadores que trabalham na parte linguística dessa etnia.

No presente estudo, apresenta-se não somente glossário de palavras da língua em si, mas sim trata-se da língua materna e cultura do povo que são evidenciados por meio dos vocábulos que constitui esse glossário. Neste sentido, essa obra é de grande importância para etnia sateré, uma vez que o presente estudo é resultado do trabalho do próprio estudante pertencente à nação sateré-mawé. É notório que há muito carência ainda na área de linguística, de os próprios estudantes indígenas graduados em trabalhar acerca da língua materna, especificamente à língua sateré-mawé. Espera-se, mais estudantes indígenas sateré que estão nas academias interessasse mais para trabalhar com a língua do povo que eles pertencem. Para que haja um trabalho em conjunto de pesquisadores indígenas com pesquisadores não indígenas que se debruçam na linguagem da etnia. Essa ação conjunta por parte dos pesquisadores deixaria os estudos acerca do dialeto mais completo e mais consistente assim como possibilitaria mais visibilidade da cultura e língua do povo Satere-Mawé.

Acredita-se que precisa muito ainda de apoio e colaboração de pesquisadores que estudam sobre a língua sateré, para que de fato ocorra o registro da língua em documento escrita em grande escala, o que levaria a um resultado com mais representatividade da língua. Enquanto aos informantes da etnia, percebe-se que o povo sateré é um povo

acolhedor e bastante humilde estão sempre à disposição para contribuir com os seus conhecimentos acerca da língua e cultura de sua nação com os pesquisadores que vão às suas comunidades.

Aponta-se aqui também um aspecto muito importante que necessita ser estudado sobre a questão da variação linguística, uma vez que a língua sateré-mawé é falado por todos falantes nativos da língua, porém, esse povo não habita uma só região, eles estão presentes em vários municípios de cidades do Amazonas. Os principais municípios onde a concentração da população da etnia sateré-mawé é maior é no município de Barreirinha (Andirá) e Maués (Marau). Nesse sentido ocorre a variação linguística com a língua sateré assim como ocorre com a língua portuguesa falado no Brasil, uma vez que varia a linguagem de região para região, com a língua materna sateré não é diferente, acontece da mesma forma.

A importância deste trabalho é de suma relevância para a nação sateré, é que com este trabalho concluído será uma grande contribuição para preservar a língua que é a identidade cultural do povo de forma escrita em documento permanente. Este glossário servirá tanto para ter conhecimento a língua materna em si, como também poderá servir para possibilitar a comunicação com a sociedade não indígena. Assim como também servirá para aqueles que tem interesse em conhecer e aprender essa linguagem autóctone.

Portanto, considera-se que de tudo que foi feito no decorrer da pesquisa, conclui-se que o objetivo proposto foi correspondido e alcançado de reunir um número significativo de léxicos da língua Sateré-Mawé com sua respectiva correspondência em língua portuguesa, para a elaboração do glossário lexical da língua Sateré-Mawé.

Waku sessé !!!

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé, 1937 – **O território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. – São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

AZEVEDO, Marlon Jorge Silva de. **Minidicionário trilíngue indígena Sateré-Mawé em Libras e Língua Portuguesa** – Manaus: UEA, 2015.

SILVA, Rebeka. **Glossário sistêmico como material didático: descrição de termos formados por elementos eruditos**. Brasília, 2018.

ABATI, Flávia Rech. **Proposta de glossário bilíngue**: terminologia dos —procedimentos de tradução em Língua de Sinais Brasileira. / Flávia Rech Abati – Brasília, 2018.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: (teoria lexical e linguística computacional). - 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BATISTA, Djalma. **Amazônia** – Cultura e Sociedade. 3ª. edição. Organização de Tenório Telles – Manaus: Editora Valer, 2006.

BESSA FREIRE, José Ribamar. **Da Língua Geral ao Português: para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro, UERJ – Instituto de Letras, 2003. Tese de Doutorado em Literatura Comparada.

BRAGA, Robério. **O índio e a Terra: Reserva de Espaços e de Direitos**. Manaus: Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

BARROS, L. A. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BARBOSA, M.A. (1992) **O percurso gerativo da enunciação, a relação de equivalência lexical e o ensino do léxico**. Estudos linguísticos XXI. Anais de Seminários do GEL, p. 258-265.

_____. Contribuições ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. Revista Brasileira de Linguística, v.8, p.15-30.

CÂMARA Júnior, J. Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 13ª ed. – Petrópolis, Vozes, 1986

CAMARA Jr, J. Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.

CANÇADO, Márcia. **Manual de Semântica**: noções básicas e exercícios. São Paulo: Contexto, 2012.

FIORIN, José Luiz. **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

FRANCESCHINI, Dulce (Coord.). **Satere-Mawe pusu agkukag** (Gramática da Língua Sateré-Mawé). Manaus: EDUA, 2005.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. -6. ed. -São Paulo: Atlas, 2008.

GODOI, Eliamar. **Para a construção de um glossário na obra Sousândrade**: uma contribuição. 2007. 203 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

HAENSCH, G. et al. La lexicografía. De la linguística teórica a la lexicografía práctica. Madrid, Gredos. 1982.

ILARI, Rodolfo; GERALDI; João Wanderley. **Semântica**. 10 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LAROCA, Maria Nazaré de Carvalho. **Manual de morfologia do português**. 2ª edição, Campinas, SP: Pontes; Juiz de Fora, MG: UFJF, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. -13.ed. –Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

LORENZ, Sonia da Silva. **Satere-Mawe**: os filhos do guarana. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1992.

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica**. 4 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

PIMENTEL, Spensy. **O índio mora na nossa cabeça**: Sobre as dificuldades para entender os povos indígenas. São Paulo: Prumo, 2012.

REY-DEBOVE, J. **Léxico e dicionário**. Tradução de Clóvis Barletta de Moraes. Alfa, São Paulo, v. 28, p. 45-69, 1984. Suplemento.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna: **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas, São Paulo, Loyola. 1986.

_____. **Línguas brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. 2º ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

RIBEIRO, Maria de Jesus Pacheco. **Dicionário Sateré-Mawé/Português**. Guajará-Mirim – RO, 2010.

SÁ, Edmilson José de. Lxicografia e Geolinguística: Um Pequeno Glossário De Itens Lexicais Retirados De Atlas Linguísticos Pernambucanos. **Revista do GELNE, Natal/RN, Vol. 22 - Número 1: p. 101-115. 2020.**

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995

SILVA, Raynice Geraldine Pereira da. **Estudo fonológico da língua Satere-Mawe**. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2005.

SANCHES, Cleber. **Fundamentos da cultura brasileira**. Manaus: Editora Travessia, 1999.

SAPIR, Edward. **A linguagem**: Introdução ao estudo da fala. 2 ed. Tradução: J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TAMBA, Irène. **A semântica**. Tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TEIXEIRA Pery (Org.). **Sateré-Mawé** – Retrato de um povo indígena. Manaus, 2005.

UGGE, Henrique Pe. **As Bonitas Histórias Sateré-Mawé**. Amazonas: Imprensa Oficial, s/d.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita; coordenação da edição brasileira Haquira Osakabe; tradução e adaptação Clarisse Madureira Sabóia... [et al.]. – 11^a ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998. – (Ensino superior)

YAMÃ, Yaguarê. **Urutópiag: a religião dos pajés e dos espíritos da selva**. São Paulo: IBRASA, 2004.

SOBRE OS AUTORES

MILLER MIQUILLES – indígena da etnia Sateré Mawé. Nasceu na comunidade Umirituba na terra indígena Andirá-Marau localizada no município de Barreirinha – AM. Graduado em Licenciatura em Letras Português pela Universidade do Estado do Amazonas. É professor de Sateré Mawé e Língua Portuguesa na área indígena.

FRANKLIN ROOSEVELT MARTINS DE CASTRO – Professor na Universidade do Estado do Amazonas na cidade de Parintins – AM. Desenvolve pesquisas em língua, sociedade e identidades.

- 
- 🌐 www.atenaeditora.com.br
 - ✉️ contato@atenaeditora.com.br
 - 👤 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 - 👤 www.facebook.com/atenaeditora.com.br
- 

GLOSSÁRIO LEXICAL DA LÍNGUA

SATERÉ-MAWÉ



Ano 2022

- 
- 
- 🌐 www.atenaeditora.com.br
 - ✉️ contato@atenaeditora.com.br
 - 👤 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 - 👤 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

GLOSSÁRIO LEXICAL DA LÍNGUA SATERÉ-MAWÉ



Atena
Editora

Ano 2022